



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**Você tem direito de:**

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

**No additional restrictions** — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de  
Conjuntura em Relações  
Internacionais

N<sup>os</sup> 34/35

Maio – Junho – 2003



INSTITUTO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## S U M Á R I O

### NOVAS FORMAS DE APROXIMAÇÃO DA ÁSIA-PACÍFICO (II)

PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO

#### II GUERRA DO GOLFO:

#### A INCONFORMAÇÃO DA NOVA ORDEM MUNDIAL

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

### CONGO E SUDÃO: EIXOS DE DISPUTA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA OU NOVO PARADIGMA DA GUERRA MODERNA?

JOÃO FÁBIO BERTONHA

#### A IMPRENSA PERDE A GUERRA

ANA MARIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

#### O BRASIL E OS ACORDOS

#### ECONÔMICOS INTERNACIONAIS

VALERIO DE OLIVEIRA MAZZUOLI

### UNIÃO EUROPÉIA: PÓLO ALTERNATIVO

#### DE PODER, “CIVILIAN POWER” OU

#### ALIADO INCONDICIONAL DOS

#### ESTADOS UNIDOS?

MIRIAM GOMES SARAIVA

#### AS VITÓRIAS DE BUSH

CRISTINA SOREANU PECEQUILO

#### OS EMIGRANTES E A POLÍTICA

#### EXTERNA DO BRASIL, DO MERCOSUL

#### E DA UNIÃO EUROPÉIA. UMA AGENDA

#### DE PESQUISA

JOÃO FÁBIO BERTONHA

#### A OTAN DO SÉCULO XXI:

#### A CÚPULA DE PRAGA

CRISTINA SOREANU PECEQUILO

### EUA: (NOVA) GUERRA DO GOLFO?

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

## *Novas formas de aproximação da Ásia-Pacífico (II)*

**Paulo Antônio Pereira Pinto\***

Na coluna anterior, procurou-se identificar temas que compõem, entre outros, agenda de preocupações comum à Ásia-Pacífico. Foi ressaltado, também, que dinâmica regional própria e o fortalecimento da cidadania poderiam indicar que propostas brasileiras originais facilitariam novas formas de interlocução com a área.

Pensava-se, então, por um lado, no diálogo sobre questões de caráter estratégico, que envolvam a exploração de oportunidades para a transformação estrutural da sociedade, da economia e de maneiras de inserção internacional do Brasil e países desta parte do mundo.

Por outro, tinham-se em mente sugestões práticas quanto à exploração de vias complementares de aproximação entre o Brasil e a região. Isto é, a mesma dinâmica que está proporcionando a integração e cooperação entre países e culturas permite identificar transformações em curso, que implicam na reestruturação produtiva, reorganização político-institucional, reformulação vivencial e reconfiguração cultural e societária<sup>1</sup>, que passarão a exigir novas iniciativas de aproximação.

Em textos já publicados, sobre desafios e oportunidades para o adensamento das relações bilaterais e promoção da imagem do Brasil, ressaltou-se que países asiáticos desenvolvem exercício de reflexão, em busca de projeto regional que reflita uma agenda própria de preocupações, em resposta a questões no campo de segurança, transformações econômicas, sociais, culturais e políticas. Nesses setores, é sabido, existem propostas brasileiras originais que poderiam tornar-se novos temas para a interlocução com a área.

Entre estas, encontram-se os referentes:

- À sociedade global de informação, onde o Brasil já detém razoável base tecnológica-industrial em telecomunicações e informática, além de experiência significativa de sua aplicação em alguns setores de

\* Diplomata de carreira e já serviu por mais de treze anos na região da Ásia-Pacífico, sucessivamente, em Pequim, Kuala Lumpur, Cingapura e Manila, em missões permanentes, e Xangai e Jacarta, provisoriamente. Em setembro de 1994 foi o coordenador da primeira missão acadêmica brasileira que visitou Cingapura, Pequim e Hong Kong. Atualmente é o Diretor do Escritório Comercial do Brasil em Taipé, Taiwan. As opiniões expressas no presente texto são exclusivamente as de seu autor.

<sup>1</sup> “A Época das perplexidades”. Por René Armand Dreifuss. Vozes.

## ***II Guerra do Golfo: a inconformação da nova ordem mundial***

**Virgílio Caixeta Arraes\***

A I Guerra do Golfo, há pouco mais de uma década, foi celebrada como a marca da nova ordem mundial do pós Guerra Fria: o modelo democrático liberal do Ocidente consubstanciar-se-ia, no plano internacional, na adoção da segurança coletiva, chancelada pela Organização das Nações Unidas. Desta forma, encerrar-se-ia definitivamente a antiga divisão espacial do mundo para o espraiamento e a consolidação de uma sociedade internacional, fundamentada em princípios político-econômicos emanados da principal potência do século XX: os Estados Unidos, vencedores dos três grandes conflitos – I e II Guerras Mundiais e Guerra Fria.

Todavia, o fim do império soviético punha em cena uma questão nova no cenário mundial: a extinção de um Estado opositor – desconsiderando a permanência da China, nominalmente comunista, mas gradativamente absorvendo o modelo capitalista de produção – ensejou obrigatoriamente a progressiva aceitação de um adversário imaterial, ou seja, um princípio ou uma visão de mundo que poderia, transitoriamente, localizar-se em um ou mais países, sem fixar-se, necessariamente, nele(s).

Isto decorreu do malogro de possíveis novos confrontantes dos Estados Unidos como o Japão, ‘promessa’ da década de 80, que estacionou nos anos 90; a Alemanha, imersa em seu processo de refundação, que não pôde contemplar a emergência de um novo império; a França que, apesar de sua postura de independência, aceitou parceiros, tanto no âmbito europeu, com a Alemanha, como no multilateral, com os Estados Unidos na I Guerra do Golfo; e, por fim, a Rússia, simulacro da antiga União Soviética, que ostentou glórias passadas projetadas de forma trêmula no presente.

Com tal conjuntura, os Estados Unidos converteriam seus desígnios em objetivos internacionais,

almejando a obtenção de uma duradoura harmonia de interesses, apenas com o compartilhamento de parte do exercício do poder, reproduzindo em escala mais ampliada a forma utilizada, há décadas, com a Grã-Bretanha. Esta postura seria incorporada pela dupla gestão democrata nos anos 90, com Clinton. Seu relativo sucesso permitiria propagar o neoliberalismo, por exemplo, como o melhor modo de desenvolvimento tanto para a América Latina como para a Europa Oriental. Haveria, no 1º Mundo, a formação de um *modus vivendi* comum codificado na 3ª Via, talhada especialmente para ter uma flexibilidade que pudesse agregar trabalhistas britânicos, socialistas franceses, socialdemocratas alemães, socialistas espanhóis, esquerdistas italianos, socialdemocratas brasileiros e democratas norte-americanos.

Destarte, com tal consenso, os Estados Unidos partiriam, de modo persuasivo, para a construção de uma nova legitimidade internacional, em que posturas políticas e econômicas seriam atingidas por adesão crescente e não por obediência, advinda de ameaças ou de temores diretos.

Entretanto, talvez, na ausência de um país à sua altura, a busca pela liderança internacional seria substituída pela aspiração à hegemonia, ao efetuar-se a troca, por margem mínima na eleição presidencial de 2000, de democratas por republicanos, os quais aplicariam padrões de comportamento do período da Guerra Fria, de cunho dicotômico, à nova ordem pós bipolar. A princípio, a mudança de procedimento ainda amalharia apoio, como no caso do confronto com o Afeganistão, a cuja culpa se atribuiu o atentado terrorista de 2001. Posteriormente, na ausência de um Estado que personificasse robustamente determinado conceito ou ideologia considerado negativo, a coesão ocidental lentamente se desfaria,

\* Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).

de sorte que até pequenos países se manifestariam contra novas ações militares, como na II Guerra do Golfo.

Por conseguinte, a esmagadora vitória militar sobre o Iraque, repetindo o sucesso do embate contra o Afeganistão, e a sua conseqüente transformação, mesmo que provisória<sup>1</sup>, em um protetorado de uma

única bandeira, com a nomeação de um cônsul militar, que seria auxiliado por mais de 450 assessores<sup>2</sup>, proporciona que a nova ordem mundial, esboçada na década de 90, esboroou-se e tornou-se história. Resta aguardar, pois, se a novel ordem realmente será 'nova' ou se, tal como sua antecessora, em breve, tornar-se-á também parte do passado.



<sup>1</sup> Segundo o Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, Richard Lugar, os Estados Unidos precisariam permanecer ao menos 5 anos no Iraque para desenvolver um governo democrático. [www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/04/22/int022.html](http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/04/22/int022.html)

<sup>2</sup> [www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A394-2003Apr21.html](http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A394-2003Apr21.html)

## ***Como publicar Artigos em Meridiano 47***

O Boletim *Meridiano 47* resulta das contribuições de professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais ligados à área, cuja produção intelectual se destine a refletir acerca de temas relevantes para a inserção internacional do Brasil. Os arquivos com artigos para o Boletim *Meridiano 47* devem conter até 90 linhas (ou 3 laudas) digitadas em Word 2000 (ou compatível), espaço 1,5, tipo 12, com extensão em torno de 5.500 caracteres. O artigo deve ser assinado, contendo o nome completo do autor, sua titulação e filiação institucional. Os arquivos devem ser enviados para [editoria@relnet.com.br](mailto:editoria@relnet.com.br), indicando na linha *Assunto* "Contribuição para Meridiano 47".